

Da minha biblioteca

Fernando Pessanha: os livros não se medem aos palmos



Adriana Nogueira

Classicista

Professora da Univ. do Algarve

adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Fernando Pessanha (Faro, 1980), um jovem investigador e formador na área da História, publicou os seus dois primeiros livros de ficção em 2013, ambos pela 4águas editora.

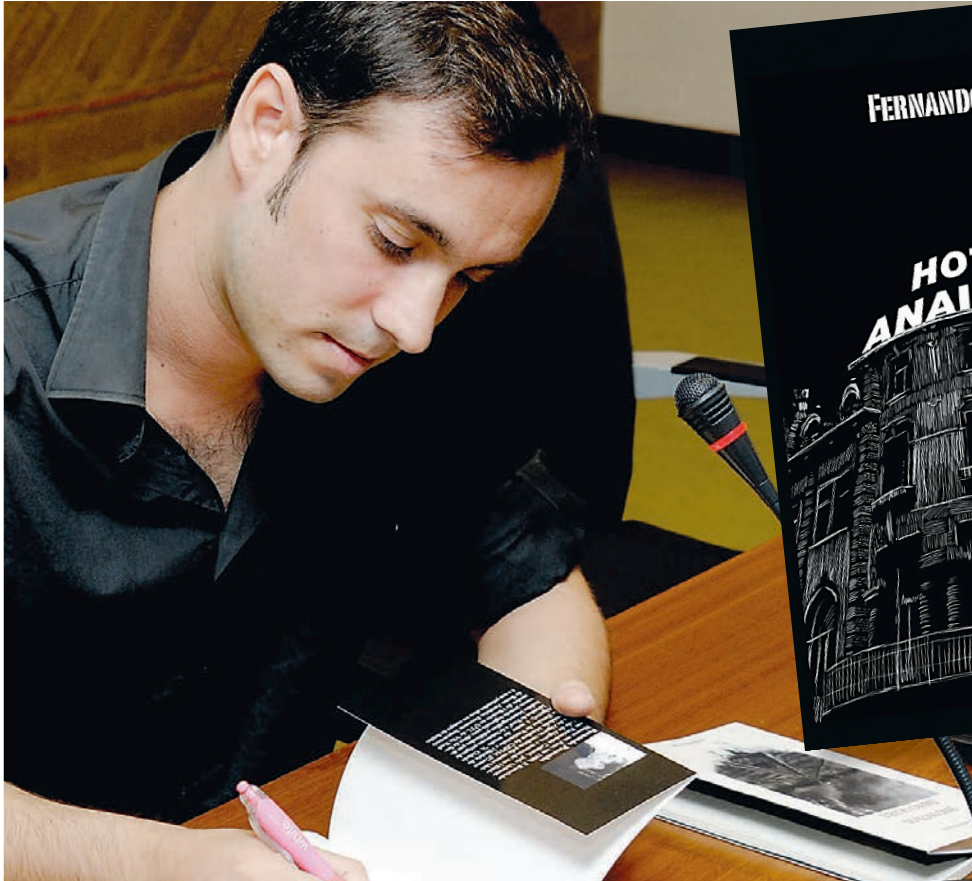
Já no primeiro livro, *Encontros improváveis*, as seis ilustrações que iniciavam cada história, da autoria de Artur Filipe, captavam os ambientes «improváveis» do texto, com o traço do conto «O Acidente» a anteceder o preto e branco, ou melhor, o preto com algum branco, do *Hotel Anaidaug*. Neste, talvez por ser mais pequeno (22 páginas de tamanho A6), o trabalho deste ilustrador ganhe um maior destaque.

«O mundo às avessas»

A primeira impressão quando pegamos na obra: a estranheza do título e o tom *noir* da capa, que se sucede no texto.

Percebendo que está perante o nome «Guadiana» invertido, pode o leitor mais atento pensar no *topos* literário do «mundo às avessas»: quer pelo nome do hotel que está, literalmente, ao contrário, quer também por este *topos* ser ainda caracterizado pela vivência de «impossibilidades», aplicando-se essa circunstância, cabalmente, a este livro.

A narrativa segue por um caminho de contrastes: entre a tempestade e a calma, a escuridão e a luz, o silêncio e o som. E assim somos transportados de um temporal terrível para uma tranquila navegação, de uma rua sem iluminação para



Fernando Pessanha autografando a sua última obra

uma inesperada luminosidade, de um silêncio quase palpável para uma música alegre, de um ambiente festivo e de esplendor para a decrepitude da realidade.

Livro ou filme?

Todo livro é construído com base no suspense, toca as fimbrias do género «horror» e todo ele apela a ambientes visuais do estilo a que poderíamos chamar *noir*.

Poderiam os leitores agora perguntar: está a falar de um livro ou de um filme? É um livro, mas muito cinematográfico.

No início, onde é descrita a luta de um marinheiro para conseguir entrar numa barra, temos uma visão muito débil: o horizonte é descrito como «ostentando um singular turvo cinza-esverdeado, coroadado de indefinida visibilidade» e as formas que se percebiam eram, afinal, «as embaciadas margens», como se uma lente nos separasse dos acontecimentos.

A noite e o negro que a caracteriza sobrepõem-se a tudo: «Um relâmpago rasgou os céus, iluminando por breves instantes o negrume que, sorratamente, se começava a instalar».

Depois, já em terra, o silêncio acompanha a noite («Os seus passos (...) ecoavam na imensidão daquela avenida deserta, encoberta pela leve neblina da maresia outonal»), sendo interrompido apenas pelo «som da ondulação e as assobiantes rajadas de vento». Já com os sentidos aguçados, ouve-se um sino que toca, de súbito, à meia-noite. E, como na história da Gata Borralheira (mas, mais uma vez, ao contrário), «várias luzes se acenderam repentinamente, ao dar o vigésimo quarto passo, ao bater da décima segunda badalada».

E os contrastes sucedem-se: «a porta pesada do edifício rangeu ligeira e lugubrememente» e «(o)uvia-se uma suave música, que parecia vir do andar de

cima (...), estilo *Fox Trot*».

A partir daqui, o marinheiro deixa-se embalar pela alegria da festa que está a acontecer no bar do hotel, onde se ri, dança, bebe e conversa. E o «marujo, de copo na mão, experimentava uma saborosa sensação de relaxamento, afundando-se cada vez mais na sua poltrona».

Mas este ambiente prazenteiro ensina-nos que não nos podemos fiar sempre nos nossos cinco sentidos.

Ou seis sentidos?

Como um livro pequenino pode transportar-nos para tantos lados. Poder-se-ia dele dizer, adaptando a voz popular, que os livros não se medem aos palmos: a riqueza de interpretações que podemos dar ao que lemos é tão variada quantos os leitores.

Provavelmente, a exploração literária dos cinco sentidos (principalmente visão e audição, mas também com referên-

cias ao tato, paladar e olfato) foi um dos fatores que tornou a história mais vívida, chamando, inclusive, a atenção para o que pode acontecer quando ignoramos o nosso «sexto sentido» que o narrador ajuda a aguçar. Em vários momentos, descobrimos pistas que nos vão preparando: «O vento norte soprava cada vez mais impertinente e obstinado, como que desesperado por proteger o porto do pequeno veleiro intruso e forasteiro, oriundo de um mundo alheio àquela realidade...» (p.6); «tudo naquele hotel parecia encantado, enfeitado, como que curiosamente parado no tempo» (p.15); mas a própria personagem principal também é avisada: «— O senhor não pertence aqui.../ — Que quer dizer com isso?/ — Exatamente o que ouviu. Aconselho-o a não dormir neste hotel».

Mas ele só entende demasiadamente tarde.

A História e uma notinha

Considero sempre enriquecedores os livros que me levam a aprender outras coisas. Por exemplo, despertou-me a atenção que nada (não sabemos de

que terra se trata) nem ninguém tivessem nome: a personagem principal é chamada de tripulante, marinheiro ou marujo; depois há «o recepcionista» «a mulher de cigarrilha», o «barman», etc. Surpreende, pois, que o gerente do hotel se apresente tão completamente, com nome («Conrado Wissmam») e local de nascimento («Nieder Rimsuigen, na Alemanha»), explicando a história do hotel e apresentando o seu proprietário, «o Sr. Manuel Ramirez». Com um pouco de investigação cheguei à informação da existência, real, de um hotel chamado Guadiana, em Vila Real de Santo António, num deplorável estado de abandono. Depois de ler o livro, vim a saber que uma das motivações do autor foi, precisamente, a vontade de denunciar essa situação, sendo esta ficção uma forma de manifesto contra o estado em que se encontra aquele edifício.

Faço aqui uma notinha: estas informações são muito interessantes, pois confirmam a arte como forma assumida de intervenção social, mas é importante que não as deixemos limitar as leituras, pois a grandeza de uma obra literária é conseguir ser lida, apreendida, explorada sem que o desconhecimento sobre a realidade em que se inspirou seja condição para essa fruição e apreciação. Que não se entenda, das minhas palavras, que devamos menosprezar esse conhecimento, mas apenas que não nos deixemos espartilhar com «o autor quis dizer» ou por interpretações únicas. Uma das grandes qualidades desta obra é o de não ter uma localização definida, por exemplo, e de, por isso mesmo, deixar a nossa imaginação voar livremente. Fim da notinha.

Como terminar esta página? Pedindo a Fernando Pessanha, que tão destramente explora o suspense e nos deixa presos do princípio ao fim, que não nos faça esperar muito tempo por outro livro.

Agendar



“X FESTIVAL DE FLAMENCO DE FARO”

14 e 15 MAR | 21.30 | Teatro das Figuras - Faro

O primeiro espetáculo é Hombres Flamencos, que une dois grandes bailaores flamencos: Francisco Mesa “El Nano” e Jesus Herrera. No sábado apresenta-se Solera Flamenka, um cuadro flamenco que tem como protagonistas Víctor Bravo e Yasaray Rodriguez



“DELL’AQUA TRIO”

15 MAR | 21.00 | Pequeno Auditório do TEMPO - Teatro Municipal de Portimão

A Associação Ideias do Levante apresenta um recital (voz, piano e flauta), num tributo à natureza e em que serão interpretadas obras de J. Benedict, C. Saint-Saëns, G. Fauré, B. Godard, L. Délibes, e C. Debussy